Dr. Vieira Guimarães

A TRILOGIA MONUMENTAL
DE
ALCOBAÇA, BATALHA, THOMAR
E O
CAMINHO DE FERRO

1912
IMPRENSA LIBANIO DA SILVA
TRAVESSA DO FALA-SÓ, 24
LISBOA

A TRILOGIA MONUMENTAL

DE

ALCOBAÇA, BATALHA, THOMAR

E O

CAMINHO DE FERRO

DO MESMO AUTOR

I — A Ordem de Christo.
II — A Missão de Portugal e o Monumento de Thomar.

EM PREPARAÇÃO

I — Lista dos Cavaleiros, Comendadores e Grã-Cruzes da Ordem de Christo.
II — Thomar.

A TRILOGIA MONUMENTAL

DE

ALCOBAÇA, BATALHA, THOMAR

E O

CAMINHO DE FERRO

Conferencia realisada na Sociedade de Propaganda de Portugal

POR

VIEIRA GUIMARÃES

Medico cirurgião, Professor de Geographia e Historia no Liceu Camões
Director da Sociedade Propaganda de Portugal, socio effectivo da Sociedade Portugueza
de Estudos Historicos,
socio correspondente da Associação dos Archeologos Portuguezes, da Società Scientifico-artistico
Literaria Luigi Camoens in Napoli, Vice-secretario da Secção de Historia
e vogal da Secção de excursões scientificas
da Sociedade de Geographia de Lisboa, etc., etc., etc.

1912

IMPRENSA LIBANIO DA SILVA
Travessa do Falla-Só, 24
LISBOA

A Trilogia Monumental de Alcobaça, Batalha, Thomar e o Caminho de ferro

Precisamos de viver para o mundo e para a civilisação.
O turismo não é só a alegria, o movimento, a beleza, a vida: é tambem a saude e a riqueza. Do seu desenvolvimento depende o nosso futuro.

Magalhães Lima.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

convite amavel e honroso do meu velho amigo Dr. Magalhães Lima, illustre Presidente da nossa Sociedade, tomo hoje este logar com grande receio da minha insuficiencia, mas com grande prazer por vir dizer duas palavras sobre assumpto da minha maior sympatia e do mais alto interesse para a industria do turismo que, nós, custe o que custar, temos de desenvolver para que não fiquemos esquecidos n'este caminhar incessante do conhecimento e gozo do mundo.

Esse movimento enorme de utilidade material e moral, que ha 50 annos a esta parte vem a envolver quasi todas as nações da Europa na mesma aspiração de arte, de vida, de prazer e de confraternisação, deve atingir o nosso país que tão fadado foi para ser admirado e gozado na exuberancia de sua natureza e na beleza de sua arte.

Essa riqueza estatica tem que ser elaborada sem perda de tempo para que se desentranhe em prodigiosos proventos a bem da nossa minguada economia nacional e da nossa illustração de povo europeu.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Ha dias disse o meu illustre colega Borges Grainha n'este logar, que com tanto brilho honrou, que tinha começado o seu turismo pela visita a países estranhos, guardando o seu para depois.

Inaudito sacrilegio!!

Eu fiz precisamente o contrario.

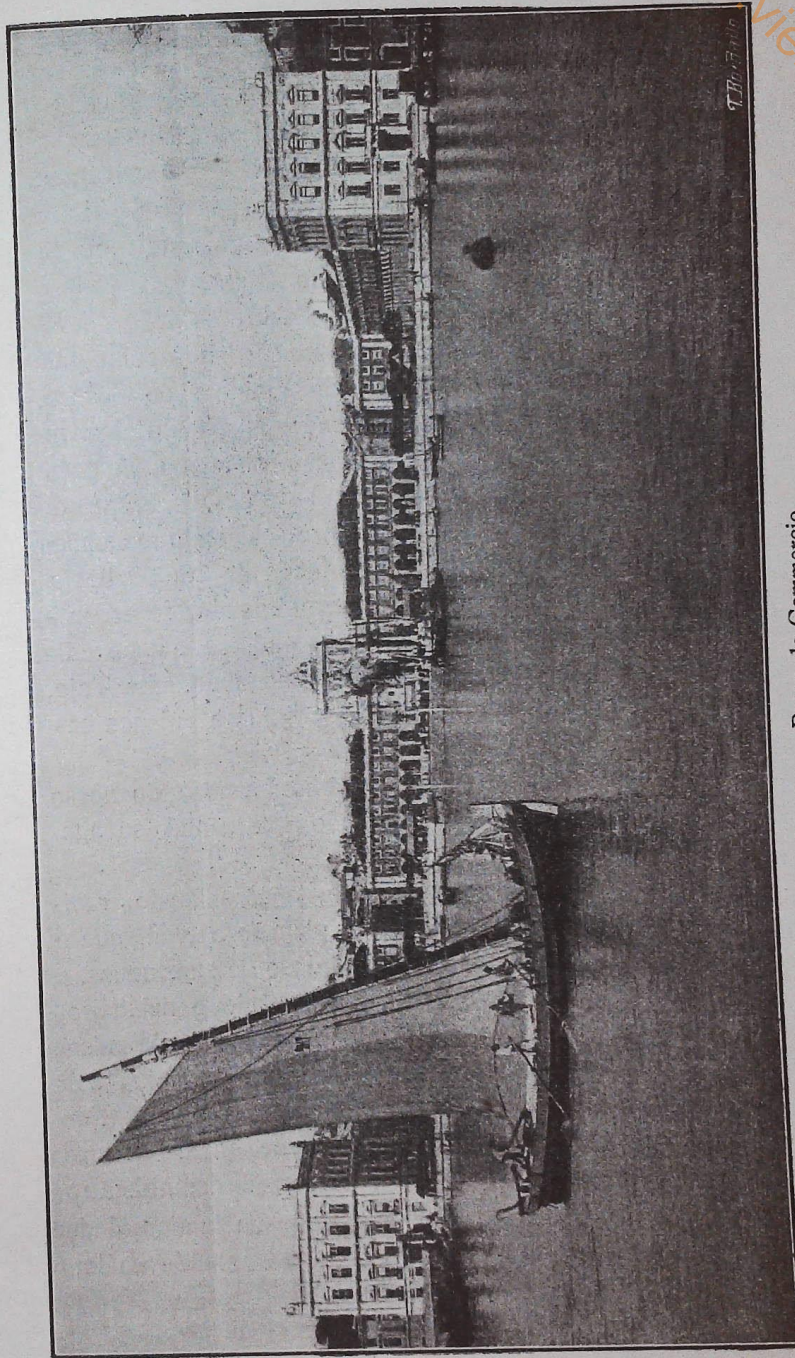
Vêr a terra abençoada da patria, admirá-la, apreciá-la, estudá-la, valorisá-la é o primeiro dever do turiste e mui principalmente quando ha maravilhas de arte e se tem a felicidade de possuir um diaphano ceu, uma variadissima paisagem e um lindo mar como o nosso.

Sim, minhas senhoras e meus senhores.

Percorrei o mundo, vêde o seu espectaculo e dizei-me depois se já vistes scenario tão deslumbrante como aquelle que em palidas côres e a largos traços vos vou pintar.

Subi comigo a uma eminencia.

Por exemplo, ás terras historicamente chamadas de Entre Douro e Minho, a cuja borda, como tronco enorme de mamuth terciario, alteia o portentoso Marão e pousae, na cumiada, na solitaria capelinha do Senhor da Serra.

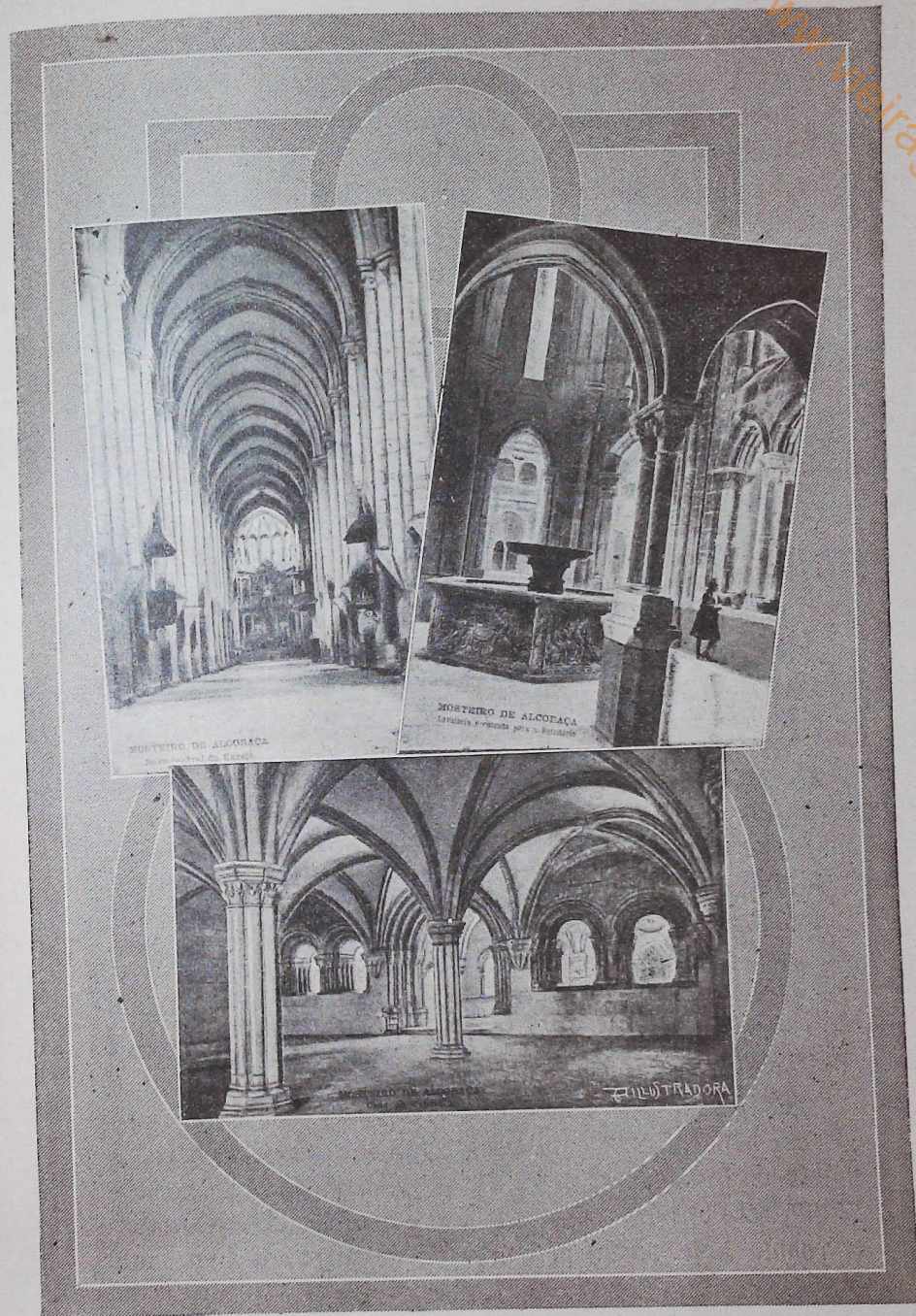
Vêde ao levantar do sol, n'um limpido dia de julho, o grandioso panorama do oeste, que na claridade crescente se vae definindo, deixando vêr essa cyclopica plateia de montes que a nossos pés se estende e onde se adivinham rios encantadores, varzeas sombreadas, valles admiraveis, jardins floridos, cidades formosas e o mar . . . o glauco mar a estirar-se n'uma fimbria de areia rebrilhante, lá no fundo do horisonte.

Lisboa — Praça do Commercio

Para leste, no declinar do astro-rei, assombra-vos o atormentado do solo que, de prega em prega, parece subir, como decoração maravilhosa d'um theatro de gigantes, e para o sul, em ondulantes colinas, declina dôce, demoradamente, no estreito e profundo Douro, que é um tesouro de perspectivas e de finissimo nectar.

Galgae depois a aspera riba e o nobre coração do velho Portugal depara-se-vos, como que irrigado pelas possantes coronarias do Mondego, do Vouga e do Zezere, que em ravinas fundas vão descendo, aquelles a alcançarem as terras planas de sua formação, onde um, dolentemente, se espreguiça, enroscando-se á casaria branca da decantada e saudosa Coimbra, outro, coleando mouchões e lezirias d'uma formosissima Holanda de 10:000 hectares, e este, o indomavel Zezere, continuando, de escantilhão na sua sanha raivosa, contorcendo-se em penedia selvatica, até morrer altivo e nobre no abundante Tejo, em que «a braveza herminia leva de baixo a pujança castelhana».

Desçamos mais no paralelogramo formoso do nosso ridentissimo Portugal e, continuando a vêr, muda se agora o scenario.

De convulsionado, atormentado, encarquilhado, ravinoso, passamos á larga e ampla planicie aluvial, que o Tejo, qual Nilo, abençôa na fecundidade de suas aguas, e mais a sul á immensidade transtagana, onde o azinheiro, o sobreiro e a oliveira põem manchas typicas de paisagem inculta e as messes de trigo alouram a campina sob um ceu de profundo azul.

Mas ainda não finalisa o deslumbrante quadro e uma prega gigante se alevanta para descer em amphitheatro atrahente, doce, maravilhoso e variado na luminosidade d'um ceu africano, até ao oceano, que se estende na immensidade do infinito.

ALCOBAÇA

Dizei-me agora, vós que me escutaes, se não é verdade: que de reconditas bellezas, que ciclopicas paisagens, que dôces prados, que crystalinas fontes, que lindos rios, que acariciadoras praias, que afamadas thermas, que paradisiacas estancias se vos não patenteiam n'este nosso formoso Portugal, n'este

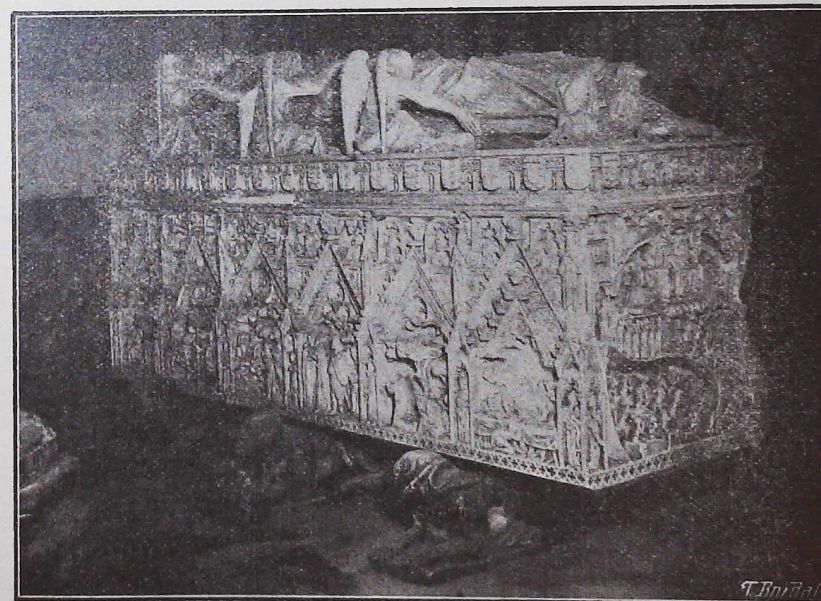
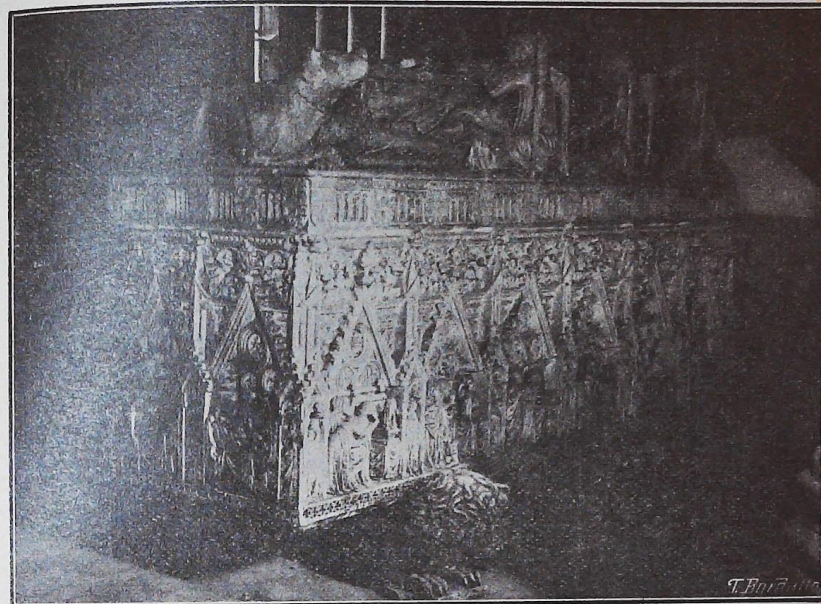
Jardim á beira-mar plantado?

Esta é a natureza que não tem rival, n'um verdejante Minho, n'uma Suissa transmontana, n'um virente vale de Besteiros, n'uma fonte dos Amores, n'uma lendaria e linda Nazareth, n'uma Salvaterra fecunda, na mesopotamia formosa entre o aureo Tejo e o pomifero Sado, n'um jardim maravilhoso d'um sempre florido Algarve, n'uma Cintra poetica e n'um Bussaco gigante de flora e de panoramas.

A obra de Deus é bella, grande, maravilhosa, soberba, incomparavel.

Agora vejamos a do homem.

Infelizmente, por falta de qualidades de governo da nossa raça, não se impõe a sua obra pela riqueza e grandeza que seria propria de uma nação que foi senhora de meio mundo, d'onde recebeu cabedaes sem numero.

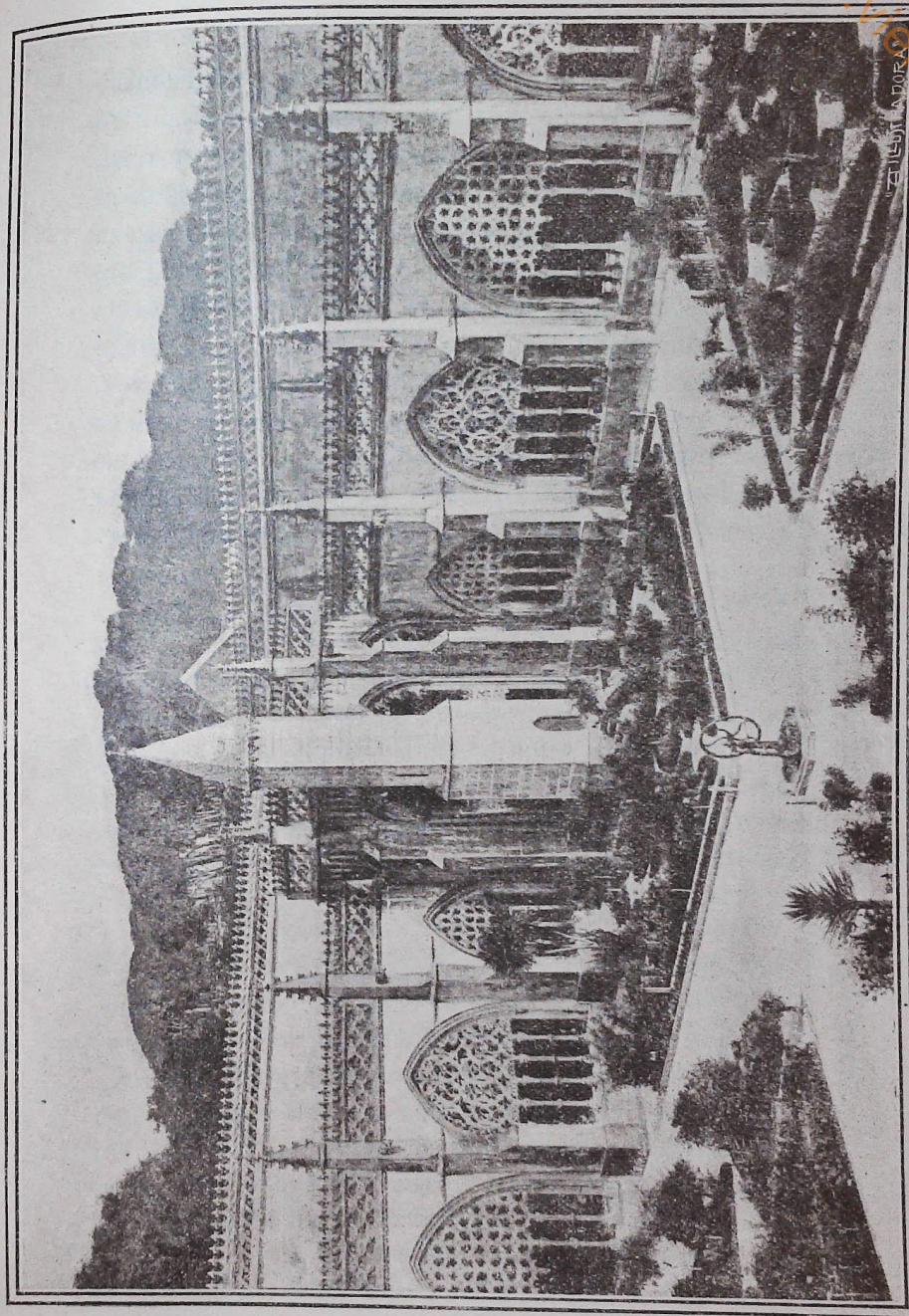
Não conta, é certo, Portugal templos como os de Colonia, Amiens, Chartres, Burgos, Milão; cidades como as de Nuremberg, Salamanca, Toledo, Granada; museus como os da Belgica, Madrid; palacios municipaes como os de Bruxellas, Anvers, Bruges, Aix-la-Chapelle; comtudo revela, no que fez, arte e gosto de tão alto valor que ainda hoje, quem percorrer as nossas terras, encontra

ALCOBAÇA — Tumulos de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro

motivos de estudo e recreio que não nos deixam envergonhados e que jámais devemos esquecer, por serem bellos documentos da nossa capacidade estetica e provas irrefutaveis da nossa contribuição artistica em prol da civilisação.

Batida esta facha da Iberia pelas encarniçadas lutas de todos os povos navegadores e conquistadores da antiguidade, não ficaram obras d'elles de grandeza tal que seja o nosso solo escola rica d'essas civilisações, attestadas ao presente apenas por veneraveis restos.

Mas separada da monarchia leonesa, as necessidades guerreiras e sociaes fazem levantar, principalmente ao norte do Tejo, um sem numero de castellos e templos que hoje, uns em ruinas e outros alterados, ainda revelam que de todo não eram alheias as artes aos fundadores-soldados do nosso juvenil Portugal.

Aqui e ali, erguem-se: Guimarães, que lembra a lealdade inconcussa d'um Egas Moniz; Celorico, a heroica defesa d'um Rodrigues Pacheco; Porto de Móz, as façanhas homericas d'um Fuas Roupinho; Thomar, Pombal, Idanha, Almourol, o pulso forte e espirito civilisador d'um Gualdim Paes; Leiria, o genio artista e economico d'um *Lavrador;* Leça do Bailio, o rasgo de nobreza d'um infante D. Diniz; e Pombeiro, interessantissimo templo romanico, como os seus congeneres, Sés de Braga, Porto, Coimbra, Lamego, Lisboa.

Parelhamente outras fabricas se vão erigindo, mas n'outro estilo — o mais lindo de todos os estilos — o gotico — que timido ao principio (Alcobaça), se accentua pelos tempos adeante (Batalha, Carmo, Guarda, Silves) e se transforma no nosso modo de ser architectonico (Torre de Belem, Jeronymos, Jesus de Setubal, Capelas Incompletas), cujo typo, o mais caracteristico e patriotico, é a

BATALHA — Claustro

celeberrima igreja dos cavalleiros de Christo em Thomar. Depois vem o seculo XVI com a sua degeneração do gotico, que perde de todo no nosso país a feição nacional, pela invasão crescente da Renascença, que resuscita as architecturas classicas. Estas dão-nos obras d'uma pureza maravilhosa e attestam no claustro de D. João III no Convento de Christo, no templo de S. Vicente de Fóra em Lisboa, no Panteon dos Silvas em S. Marcos, na Cartuxa de Evora, o genio portentoso de seus insignes architectos.

Mas esta pureza degenera tambem e veem os seculos XVII e XVIII com o seu *barroco* e *rocalhe* que nos doam os Collegios Novos dos Jesuitas, a Serra do Pilar, Santa Engracia, Mafra, a Torre dos Clerigos, a Estrella e Queluz.

Não só em pedra conservamos reliquias da nossa herança artista.

O ouro, a madeira, o barro, a sêda e principalmente a taboa, a valorisam tambem e os quadros celebres de Nuno Gonçalves, Jorge Affonso, Christovam de Figueiredo (?), Vasco Fernandes, Gregorio Lopes, Simão de Abreu, Domingos Vieira, Josepha de Obidos, Domingos de Sequeira, constituem, uns espalhados, outros nos museus, preciosos documentos que não desdoura apresentar ao estudioso.

E', pois, este conjuncto de arte e de natureza, que, palido e rapido, vos acabo de descrever, que eu vi e estudei para me lançar depois na visita a nações, que de ha muito cuidam nos seus thesouros artisticos e bellezas naturaes, para d'ellas fazerem uma das mais perenes fontes de suas receitas economicas.

Das suas bellezas naturaes, nada trouxe d'essas excursões; porque, de novo o afirmo: Portugal é bello entre os mais bellos países do mundo.

Mas da sua arte muito trouxe, e muito quisera que os

nossos homens publicos fôssem tambem lá fóra, para depois vêr se se iniciava de vez essa importantissima industria pela qual meia duzia de patriotas, ha tempo, vem a trabalhar e de que esperam uma era de fecundos resultados materiaes e moraes para a sua querida terra, que bem digna era de ser governada com mais inteligencia, saber e patriotismo.

Assim convencido de ha muito da subida riqueza do nosso bello país e do grande valor architectonico dos seus três principaes monumentos, venho emprehendendo dura campanha para que elles sejam postos em condições de serem commoda e rapidamente visitaveis por nacionaes e estrangeiros.

Dura campanha disse eu, e bem dura, até fatigante tem sido, porque infelizmente em Portugal para que vença uma ideia economica e patriotica é preciso gastar energia tal, que cansa, esgota e envelhece.

Pois não terei eu razão na minha campanha?

Vejamos.

Três dos maiores monumentos portugueses levantam-se n'uma formosa e rica facha estremenha quasi em linha recta e afastados por grandes e aborrecidas distancias das linhas ferreas, o que difficulta serem visitados nas suas manifestações artisticas e significações historicas.

Alcobaça, Batalha e Thomar, eis os três poemas em pedra que cantam os rudos trabalhos do *Conquistador*, as heroicas façanhas da *Ala dos Namorados* e os epicos feitos dos immortaes discipulos do *Navegador*, essa excelsa trilogia monumental que, a querermos entrar n'uma

vida de regeneração economica, que tanto urge, devemos ligar por uma via ferrea que, partindo da do Norte, no Entroncamento, ponha esses famosos e formosos monumentos nas condições que a civilisação exige de nós.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

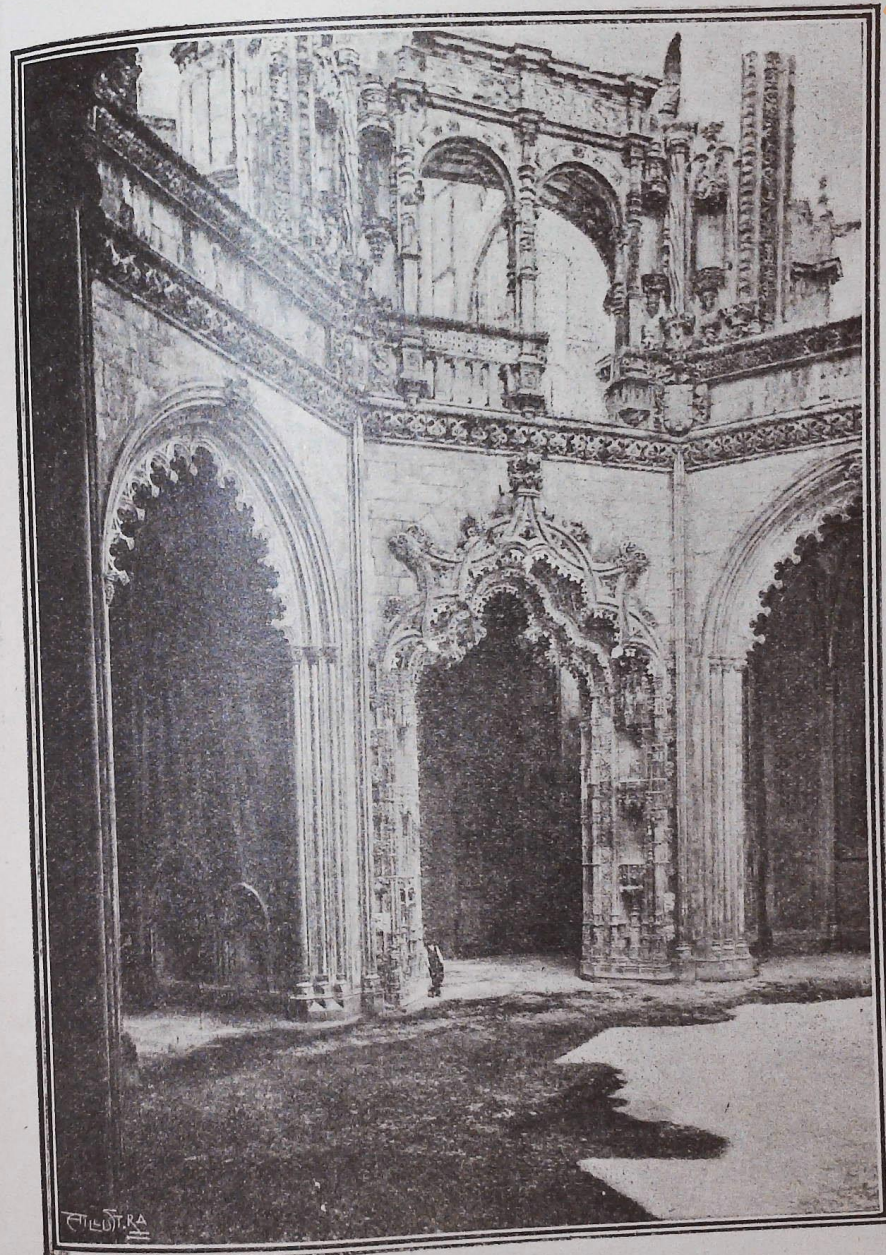
Alcobaça é o grande cenóbio que perpetua o voto de Afonso Henriques na arrancada para a tomada da forte, populosa e rica Santarem.

Acendida andava a luta nos primordios da nossa nacionalidade.

D'um lado os audazes cavalleiros da Cruz e do outro os não menos intrepidos soldados do Crescente que entre as suas belas e famosas cidades contavam aquella, que seculos antes tinha recolhido o corpo inanimado de Iria — a nobilissima filha de Nabancia — o que agora tanto aguçava a valentia dos neo-christãos capitaneados pelo inclito templario.

De Soure, quartel general da Ordem, sahiram os aguerridos cavalleiros, que, na ignorancia da empresa, caminhavam cheios de fé e avidos de gloria, até ao alto da serra dos Albardos, onde o rei, pondo-os ao facto do temerario emprehendimento, promette, ao afamado Bernardo de Clairveaux, erguer para a sua Ordem monumento digno da sua fé e da sua gratidão, embora n'isto tambem fôsse um incoberto e habil fim politico.

D'este voto, pois, promana o notavel monumento de Alcobaça, cuja igreja é a maior de Portugal, sendo merecedora do mais aturado estudo pelo seu precioso valor architectural.

A Batalha é tambem o fervoroso voto do illistre principe da *Boa Memoria* na vespera do immarcessivel feito d'armas de Aljubarrota.

Batalha — Capelas incompletas

Vespera de fé e de gloria, de valor e de heroismo, de opressão e de liberdade, de vida e de morte, em que um punhado de portugueses se prepara para selar com o proprio sangue as exhortações patrioticas d'um Alvaro Paes e os discursos ardentes de um João das Regras.

Noite de incertezas e de anceio!!

N'essa noite celebre, por sobre as tendas adormecidas paira o espirito audaz e forte d'um D. Nuno, que, naquella hora tremenda, de igual maneira ao seu Rei, de joelho em terra, pede tambem o auxilio do ceu para vêr livre

A terra nunca de outrem subjugada.

E não foi.

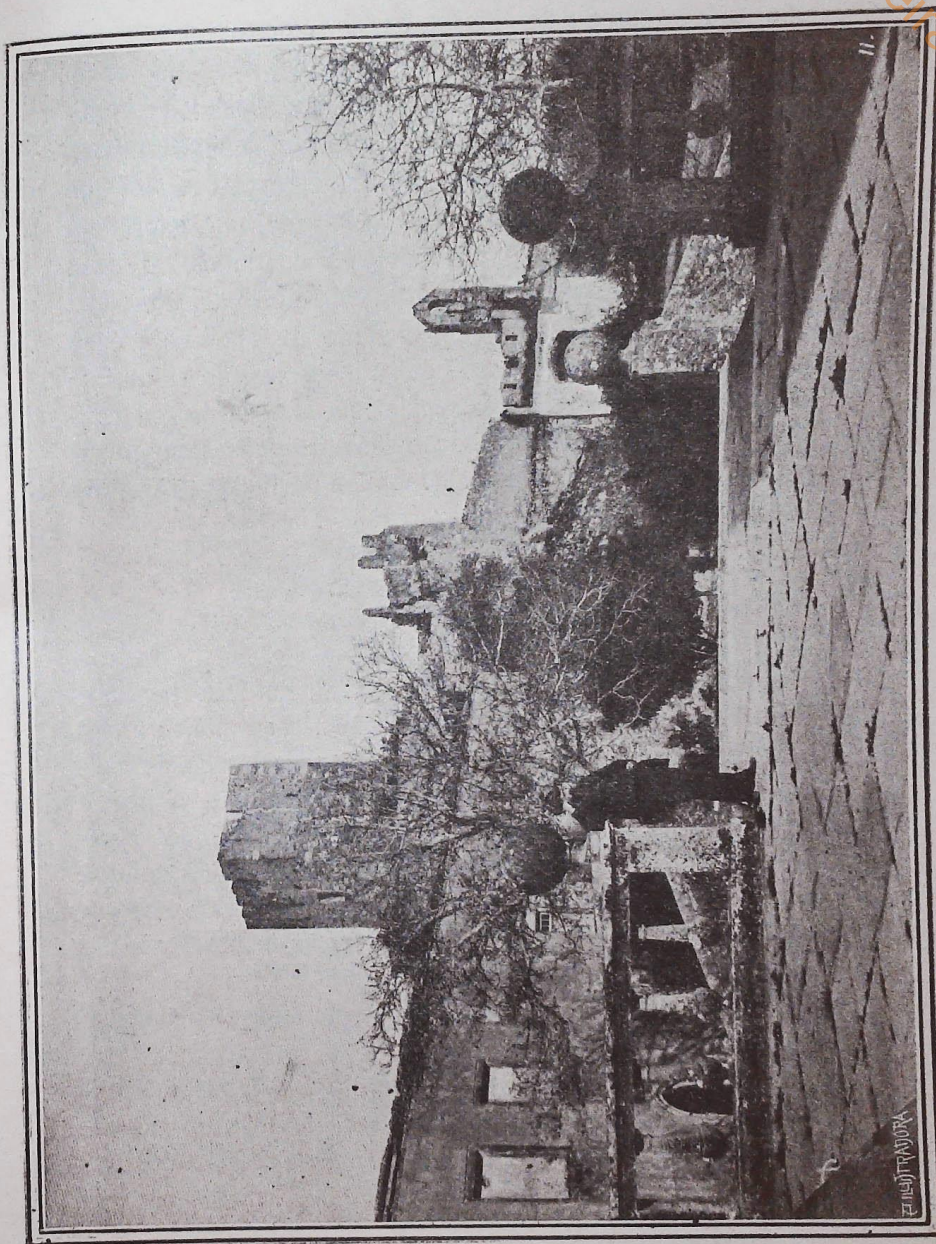
Meia hora só bastou para que o não fôsse, pois tanto durou a epica luta d'essa assombrosa victoria no dia gloriosissimo de 14 de Agosto de 1385.

Monumento bello, como a alma patriotica que o fez gerar do generoso sangue de tantos heroes, admiramo-lo, como a encarnação sublime d'esse abraço heroico que ligou povo e rei na gloriosa fixação da patria, na alevantada empresa da independencia da terra portuguesa, e como a radiante florescencia artistica do nosso seculo XIV.

Resta Thomar.

Este não é o voto solemne ou intimo de qualquer imperante para que o ceu lhe seja propicio.

Deliberada a sua fabrica no capitulo geral da cavallaria de Christo em 1492, consubstancia esse templo como que o sentir e pensar d'esses denodados soldados da Cruz, que de longos annos vinham a desvendar os segredos dos oceanos na conquista suprema do mundo.

Epico esforço, sublime missão a desta heroica milicia

Castello de Thomar

que, á voz potente de Henrique, vai de alongada pelo mar fóra na sujeição temeraria dos elementos, no estudo consciente da natureza, abrindo caminhos luzentissimos á civilisação e estreitando abraços para a confraternisação humana.

Se os monumentos são como que os espelhos em que se retrata o viver da nação que os levanta, que exprimem com fiel exactidão a sua indole e costumes, as suas ideias e aspirações, as suas virtudes e desditas, como diz um illustre escriptor [1], o monumento de Thomar é esse sublime espelho que nos reflete o meio heroico e patriotico do nosso gloriosissimo seculo XV, no qual as navegações eram a suprema aspiração dos portugueses, cuja vanguarda era audazmente tomada pelos porfiados guerreiros de Christo, na ansia de chegarem

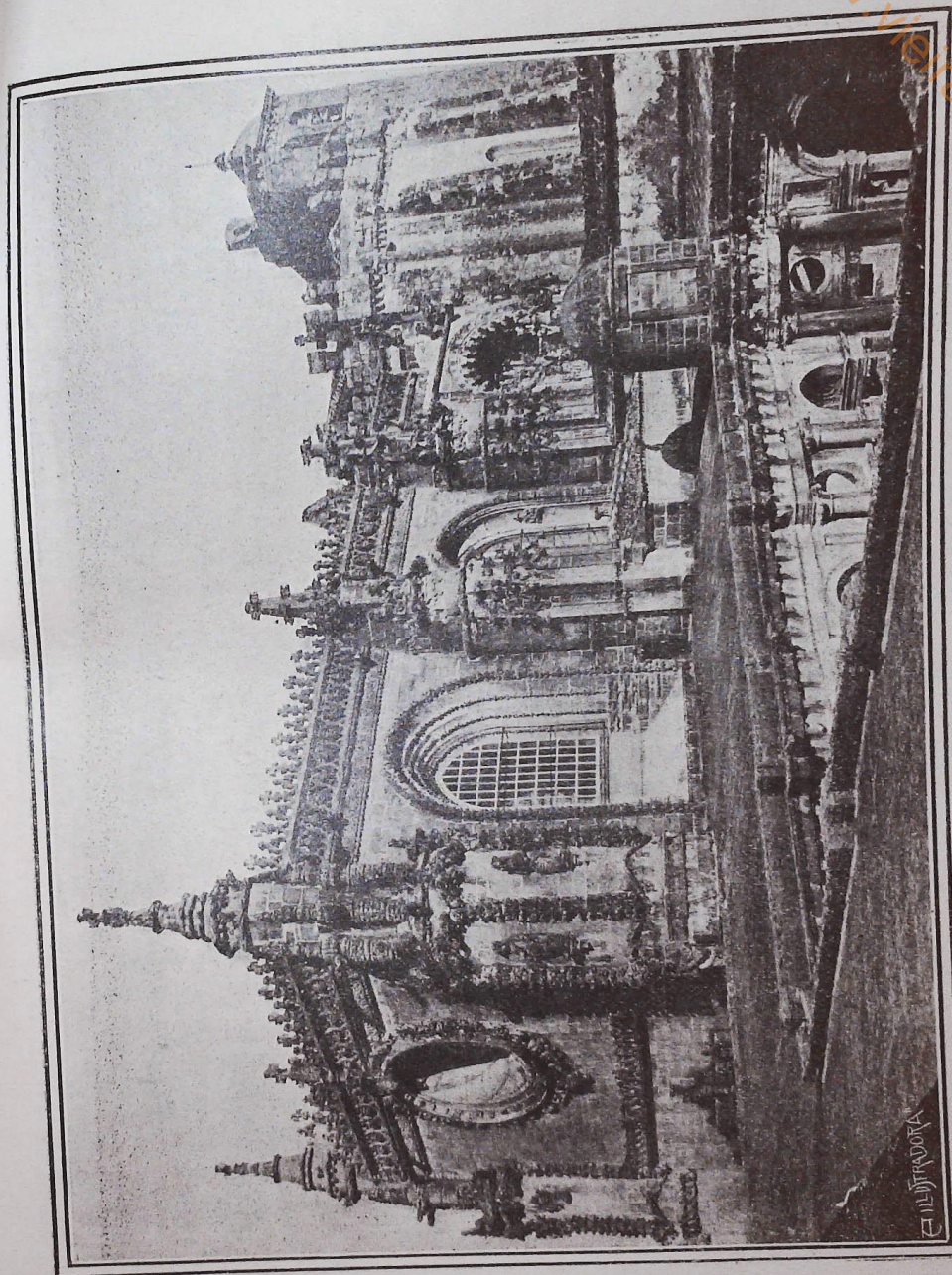
> Por mares nunca d'outro lenho arados
> A reinos tão remotos e apartados.

Cada pedra das suas paredes falla d'um feito perduravel da milicia sagrada das navegações, cada motivo architectonico canta um hymno nacional, cada trecho de suas ornamentações narra um epico triumpho sobre o mar e todo o edificio é um poema de patriotismo em que o genial artista João de Castilho escreveu, primeiro do que Camões, em estrophes arrebatadoras, a homerica empresa dos argonautas lusos, a immortal missão de progresso do nosso querido Portugal.

As symbolicas e sugestivas letras d'esse encantador poema são:

As estatuas de D. Affonso Henriques, D. Diniz, D. Henrique e D. Manuel; anjos com as divisas d'este; os esqueletos calcareos dos coraes e madre-perolas dos su-

---

[1] Vilhena Barbosa.

THOMAR — Parte Superior da Igreja

perficiaes recifes indianos e dos atóles frequentes do Oceano Pacifico; os ramos retorcidos dos nossos seculares azinhaes; as ondas dos mares por nós sulcados; os curvos aguadores com que os nossos robustos marinheiros molhavam as enfunadas velas, n'essas longas viagens por todos os mares; os bem torneados besantes das valentes cotas dos nossos audazes cavaleiros; as guiseiras das nossas récuas; as correntes dos nossos barcos; um calabreteado virador boiado, talingado, de um lado, a um arganéo e, do outro, amarrado a uma ancora com um cóte; uma graciosa correia com uma formosissima fivela, gracil emblema da Jarreteira do *Venturoso*; flores de liz, reminiscencias puras do gotico; fortes enxarcias e cordoalha das nossas bem aparelhadas embarcações; algas, botilhões, sebas, eloquentes exemplares da riquissima flora dos mares descobertos; espheras armilares, dadiva heraldica do grande rei D. João II áquelle que seria seu successor; a cruz de Christo, divisa sublime da nobre cavallaria; as quinas portuguesas, excelso brasão da patria; pranchas de cortiça; folhas e capsulas das nossas dormideiras, das nossas mais rusticas e crespas brasica-oleiracias; vigilantes cães e raticidas gatos das nossas numerosas frotas; a lendaria Mantichora das fabulosas terras orientaes; um musculoso marinheiro agarrando um carvalho pelas raizes, talvez para utilisar o gigante roble na fabricação do seu navio; a altiva carranca da arrogante roda de prôa das nossas alterosas naus e as velas arfantes e risadas de uma d'essas elegantes caravelas que nos levaram á deslumbrante e fascinadora India.

Alfabeto soberbo e patriotico o que está escripto n'este notabilissimo monumento que, só visto, se poderá comprehender.

Bem disse, n'um rasgo de justiça e de patriotismo, o

THOMAR — Claustro de D. João III

illustre conferente Borges Grainha que nada tinha encontrado no estrangeiro que se podesse comparar a esta estupenda obra.

Assim o dizem tambem os illustres viajantes que tem tido a dita de contemplar e interpretar a sublime fabrica.

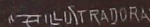
Interpretar, sim. Aliás ter-se-ha sómente a impressão de sua fascinante belleza e não o proveitoso ensinamento de sua grande lição patriotica.

Permittam V. Ex.as que lhes traduza o que acaba de escrever uma grande autoridade na materia, o illustre Professor da Universidade de Paris, Emilio Berteau, na monumental *Historia da Arte*.

Indo a Thomar, onde esteve estudando o celebre monumento, refere-se a elle em paginas de grande enthusiasmo e criterio, acabando o seu brilhante capitulo que tem por titulo *Thomar—O Mar* por estas eloquentes palavras que muito nos honram e de que muito nos devemos orgulhar:

«Outros motivos maritimos são mais claros e mais *humanos:* a corda estendida atravez da fachada, e munida de fluctuadores de cortiça, como para levantar uma rêde; a rosacea, cuja face é uma vela meio fechada por cordas. Abaixo d'esta vela, onde o vento parece brincar, a janela, semelhante ás construcções das madréporas, parece decorar um palacio submarino. Qual é o architecto que, construindo a egreja dos Navegadores, teve essa concepção de poeta? João de Castilho, que, antes do fim do reinado de D. Manuel adoptara as formas da Renascença, mencionou entre as suas obras, n'uma quitação geral, que tem a data de 1541, o côro, a casa do capitulo, etc.

«Talvez uma tal obra pertença mais a uma nação do que a um homem. A forma mais original da arte manuelina não é européa nem indiana, é maritima.

«Aqueles que a realisaram não deviam nada a nenhuma

THOMAR — Fachada Occidental da Igreja

das artes do seu tempo; recomeçavam, com uma especie de barbaria soberba, um dos ensaios mais primitivos da arte.

«Algas, pequenos monstros tirados do mar, fluctuam ainda sobre o que nos resta das louças myceneanas, nas quaes a sciencia moderna reconheceu o proseguimento de uma arte *minosense,* formada na ilha de Creta, da qual um pequeno povo de ousados navegadores lançava os seus barcos atravez do Mediterraneo. Alguns 20 seculos mais tarde, outro pequeno povo, que, longe da Grecia e dos seus predecessores, fóra do Mediterraneo, via deante d'ele o Oceano sem limites, o conquistou, por sua vez. E quando Portugal abriu sobre as grandes vagas os caminhos das riquezas fabulosas, a arte portuguesa encontrou no Oceano, e até nas suas profundezas, fórmas tão misteriosas como as que tinham recolhido nas suas antigas rêdes os primeiros povos do mar».

O erudito historiador viu bem.

Sentiu n'essas pedras, coradas pelo perpassar dos seculos, palpitar a alma portuguesa, reflectir-se a intensa vida nacional, vibrar a atmosphera social da epoca gloriosa das nossas navegações em que Portugal, levando o facho da civilisação no tejadilho de mil barineis, fez altivamente

> Cessar tudo o que a Musa antiga canta;
> Que outro valor mais alto se alevanta.

Ide, Senhores, a Thomar e vereis então se exagéro dizendo que é elle o monumento mais nacional que temos; porque é elle que eternisa o acontecimento mais nobre e civilisador do periodo aureo da nossa historia, crystalisando um elevado pensamento que liga todos esses motivos, todos esses elementos ornamentaes que uma clara

intelligencia dispoz na integração d'essa grande ideia, ideia soberba e patriotica, que sobrepujava a todas no nosso epico seculo XV = Os Descobrimentos.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Ora tendo nós esta triada architectonica no mais lastimavel afastamento das linhas ferreas, qual é o nosso dever senão ligá-la por um caminho de ferro no mais alto interesse economico do país e na mais abrigante comodidade e rapidez que o excursionismo exige nos nossos transportes, hoje que a doida vertigem da velocidade é uma caracteristica do seculo XX?

Assim devia ser, e ha de ser; porque confio ainda no rejuvenescimento do nosso país em prol do seu progresso e civilisação.

Sahida essa linha do Entroncamento, onde tem paragem todos os comboios, o que facilitará consideravelmente a mudança de carruagem e por tanto a viagem, entrarà ella no industrial e ridente vale do famoso e formoso Nabão, a cujo meio, n'uma veiga deliciosa e historica, se levanta gentilmente a artistica e laboriosa cidade de Thomar.

D'ahi irá tanto quanto possivel servir a nova e já afamada estancia de banhos do Agroal, rival, pelas beneficas condições de suas aguas, da celebre estação francesa de Plombières.

Passará depois na encosta do alcantilado morro de Ourem, coroado ainda pelas altivas muralhas de seu roqueiro castelo, galgando em seguida ao massiço da Fatima, que ladeará a sul, e indo, pelo Vale da Quebrada, á vinicola e marmorifera região do Reguengo, alcançará a breve trecho o poetico e lindissimo monumento da Batalha, que

jaz criminosamente, indesculpavelmente, a 15 kilometros da mais proxima estação de caminho de ferro e a 30 da mais afastada.

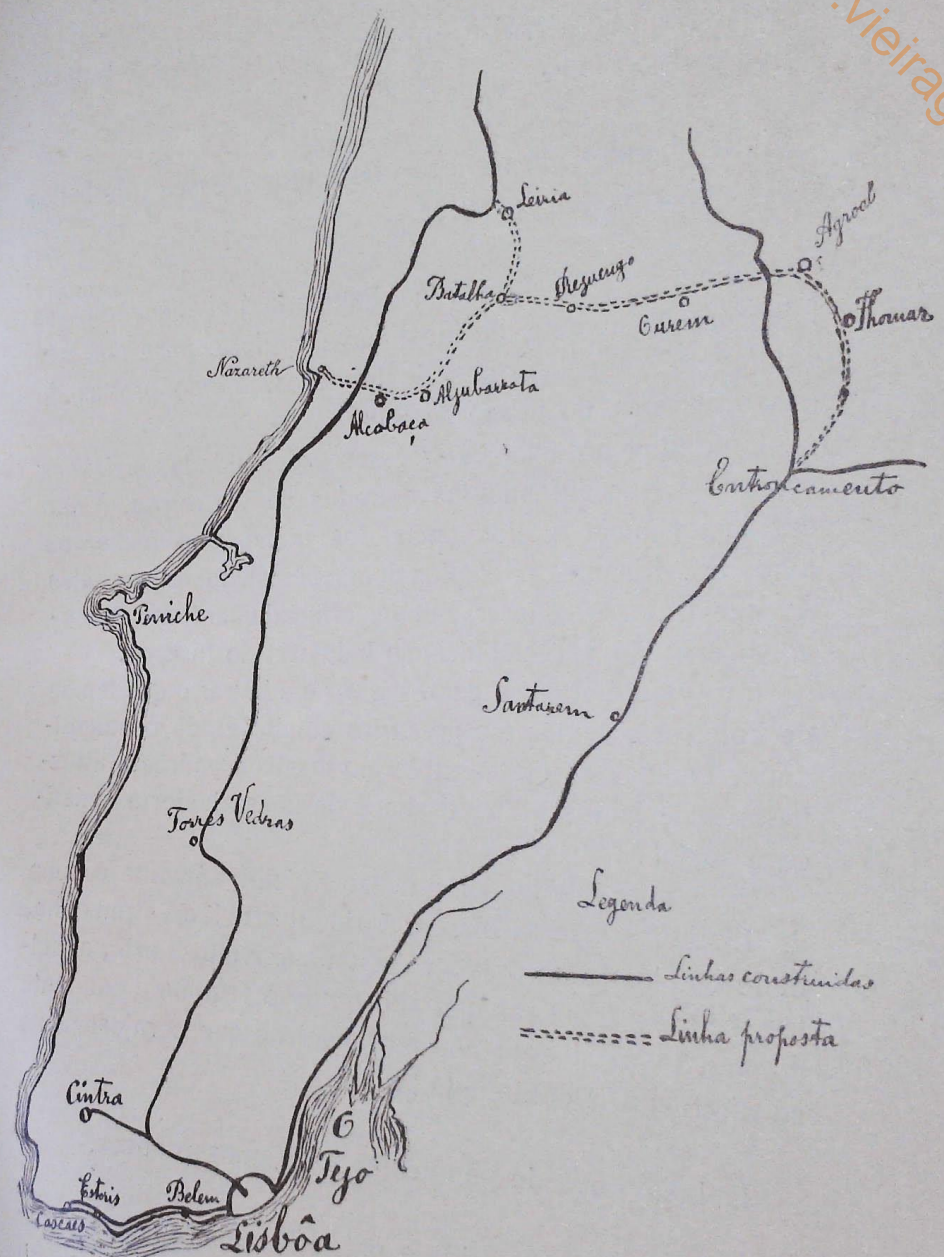
Da Batalha sahirá um trôço a ligar a nobre cidade de Leiria.

Por fim, cortando perpendicularmente o vale do Lena, valorisará uma rica região hulhifera e abeirar-se-ha dos ferteis campos da historica e industrial Alcobaça, indo morrer na bella e afamada praia da Nazareth, por tantos titulos notavel na therapeutica, na lenda e na historia.

Com este caminho de ferro, como vêdes, fechar-se-ha uma importante malha na nossa rêde ferro-viaria, trazendo a nova linha um enorme trafego ás linhas principaes e levando a todas as terras servidas um grande incremento de progresso e de civilisação.

Calculando sómente aqui o lucro do movimento turistico que, por entrada, computo em 20:000 excursionistas por anno, e gastando cada um n'um dia 5000 rs., nós teriamos a bonita soma de 100 contos a distribuir por Alcobaça, Batalha e Thomar, o que equivaleria a fundar, em cada povoação d'estas, um estabelecimento fabril com a população de 1:000 operarios e cujas ferias importariam em 30 e tantos contos por anno.

E se contarmos agora com os transportes d'esses 20:000 turistes, nós teremos mais 200 contos a virem melhorar a economia nacional.

E isto só com 20:000 viajantes de principio; pois não podemos hoje mesmo calcular a que numero atingirá, tanto mais que vai dar-se um consideravel acontecimento maritimo — a abertura do canal de Panamá — que será de incalculavel importancia para o porto europeu que maior soma de condições favoraveis reunir a bem da navegação, comercio e turismo, o qual, a haver juizo e patriotismo

Linha de Turismo — Entroncamento, Thomar, Batalha (ramal Leiria), Alcobaça e Nazareth

na nossa infeliz terra, esperamos que deverá ser o nosso amplo e lindo porto de Lisboa.

Que abandonada riqueza nós temos n'esses três bellos e afamados monumentos!!!

Cumpre, pois, valorisá-la, chamando á civilisação essas joias architectonicas de inestimavel quilate, para que não continuem a apelidar-nos de barbaros, dando provas do nosso atraso e do nosso desleixo.

Continuar a deixar estar essas preciosidades artisticas separadas por enfastientas estradas da via ferrea, é não dar importancia á eloquencia dos numeros e fechar os olhos aos frisantes exemplos de nações menos favorecidas do que a nossa, que trabalham afincadamente no desenvolvimento da apreciabilissima industria do turismo.

Para que é chamar gentes a ver e admirar o que temos de bom, se o temos em precarias condições de commodidade, como estão esses três expressivos padrões, attestadores de factos brilhantissimos da nossa historia artistica e social?

Para que é enfeudar o nosso turismo sómente á zona de Lisboa e não o alargar á ridente região estremenha, onde dominam, na pujança da sua maravilhosa arte, aquellas gemmas artisticas que são o nosso orgulho e que tanta admiração produzem nos estrangeiros que corajosamente se afoitam a ir contemplá-las?

Deixemo-nos de phantasias e sejamos praticos.

Pode a nossa querida e patriotica Sociedade continuar na sua alta e bella missão de propagandear as nossas riquezas artisticas e naturaes que, sem que seja este caminho de ferro uma realidade, verá continuar o nosso turis-

mo a não se desenvolver, ficando sem grandes fructos o seu arduo trabalho com grave prejuizo da nossa economia e do nosso bom nome de povo civilisado.

A ella não peço nada agora; porque bem diligente tem sido em me acompanhar n'esta ardua cruzada, no que tenho sómente a render lhe agradecimentos; mas a vós, Senhores, que sejaes cada um de vós um campeão audaz e valoroso que vá d'aquellas portas em fóra combater pela patriotica ideia, pelo util emprehendimento de que tantos beneficios moraes e materiaes virão á nossa querida patria, ao nosso lindo Portugal.

Disse.

17-6-12.

VIEIRA GUIMARÃES.

Praia da Nazareth